

CAIO ALBUQUERQUE
De Piracicaba

Os indicadores de poluição da água do rio Pinheiros constituem um dos mais graves problemas ambientais da capital paulista. “O impacto de sua poluição causa repercussões graves na saúde pública, no turismo, nos alagamentos, nos transportes, no esporte e lazer da população, para citar os desdobramentos mais evidentes”, afirma o cientista social Ricardo Rael. A partir dessa constatação, Rael desenvolveu, no programa de Pós-Graduação em Ecologia Aplicada Interunidades—ligado à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) e ao Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), ambos da USP em Piracicaba—, um modelo conceitual para orientar um plano de gestão ambiental do sistema socioecológico que abrange o rio Pinheiros.

Com orientação da professora Silvia Maria Guerra Molina, do Departamento de Genética da Esalq, o estudo foi proposto com o objetivo de sanar a deficiência na gestão dos recursos hídricos nas grandes cidades e a carência de metodologias científicas para se lidar com a questão.

O projeto teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foi realizado com a estruturação de um método baseado na teoria de sistemas, que possibilitou a descoberta das variáveis de sustentabilidade do rio Pinheiros a partir de uma abordagem hierárquica e transdisciplinar. “Na sequência, entrevistamos 15 especialistas e os dados foram lançados em um software que calculou o posicionamento das variáveis em um modelo conceitual, considerando as suas relações na forma de um mapa”, explica o pesquisador.

Especialistas—A lista de especialistas contou com pessoas de formações muito diferentes. De funcionários públicos de empresas de energia a jornalistas, passando por professores, políticos e consultores. “A diversidade dos especialistas foi fundamental para o sucesso da pesquisa.” Foram consultados profissionais da Companhia de Geração de Energia AES-Eletropaulo, Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), Faculdade de Saúde Pública (FSP), imprensa especializada, Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA), Empresa Metropolitana de Águas e Energia (Emae), Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE),



Fotos: Marcos Santos

AMBIENTE

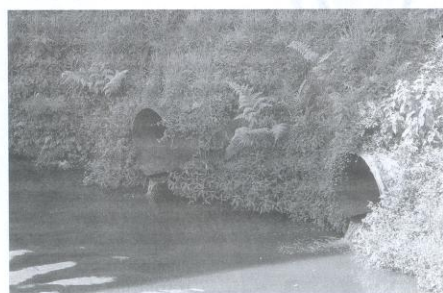
Ideias para águas bem tratadas

Estudo realizado na USP de Piracicaba propõe modelo de gestão ambiental do rio Pinheiros



Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e Associação Águas Claras do Rio Pinheiros. Os dados brutos foram tratados, dando origem a 65 variáveis operacionais, objetivas e de relevância para a sustentabilidade do rio Pinheiros.

A partir das entrevistas, as variáveis mais citadas foram: esgoto sanitário lançado no rio; rede de esgotos não conectada a estações de tratamento; apropriação do rio pela população;



promover a visão sistêmica acerca do problema; desbalanço hídrico da capital (déficit); poluentes surfactantes; e rede de drenagem levando poluição difusa. “Ao longo das entrevistas, os especialistas notaram que esforços vêm sendo empregados no sentido de diminuir a carga de esgotos que é lançada no rio. Todos concordaram com tal fato, mas seria ainda mais interessante pensar em soluções de banheiro seco, liofilização, biocompostagem, *wetlands* e outras soluções que estão fora do paradigma sanitário que herdamos do pós-guerra”, comenta Ricardo Rael.

Sobre a geração do modelo conceitual, o autor da pesquisa acredita que possa gerar uma discussão aprofundada sobre como poderiam ser organizadas ações concretas para a melhoria do rio Pinheiros. “É preciso atacar as dinâmicas poluidoras que matam o rio de uma perspectiva processual. Gastam-se centenas de milhões de reais para despoluir o rio, mas será que estamos atacando o problema certo? Não se pode despoluir o rio caso mantenhamos os comportamentos sociais que o poluem. Não há como despoluir o rio se a cultura dos descartáveis permanece da maneira que está, a cultura sanitária que usa água limpa para receber o esgoto continua etc.”, afirma o pesquisador. “Para ‘limpar o rio’, deve-se modificar as dinâmicas poluidoras. É sobre as dinâmicas que precisamos nos debruçar. Atuar no rio sempre será remediar um problema. Isso exige mudanças profundas na cultura e na tecnologia que envolvem a vida das pessoas. Nessa linha, o rio está longe de sair da triste marca da classe IV, ou seja, um rio morto”, finaliza.